

REFLEXÕES SOBRE O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA UFPR/SETOR  
LITORAL – BRASIL E SUAS INTERFACES INTERDISCIPLINARES NAS  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Think About the Political Pedagogic Project of the Coastal Sector - Brazil and his  
Interdisciplinary Interfaces in Pedagogic Practices

*Prof<sup>a</sup> MSc. Helena Midori Kashiwagi<sup>1</sup>*

*Prof<sup>a</sup> Dra. Salete Kozel Teixeira<sup>2</sup>*

**Fecha de recepción: 25 de Abril de 2010.**

**Fecha de aceptación: 15 de Mayo de 2010.**

**RESUMEN:** En este artículo plantease algunas reflexiones sobre el Proyecto Político Pedagógico (PPP) desarrollado en el Sector Litoral de la Universidad Federal del Paraná - UFPR y sus interfaces interdisciplinares en las prácticas pedagógicas. La estructura organizacional curricular de esta propuesta pedagógica fue dividida en tres fases: “conocer y comprender”, “comprender y proponer”, “proponer y actuar”. El escopo de este trabajo propone presentar algunas reflexiones desde la contribución de la Geografía Humanística en su vertiente fenomenológica hasta las prácticas pedagógicas desarrolladas en la primera fase del currículo. En esta investigación las interfaces interdisciplinares posibilitan el desarrollo de una percepción crítica del alumno de forma más amplia, bajo de las diversas miradas a partir de las diferencias de los puntos de vista.

**Palabras claves:** Prácticas pedagógicas, Percepción, Geografía Humanística.

---

<sup>1</sup>Professora de Planejamento Urbano e Arquitetura da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba/Paraná - Brasil. Bolsista CAPES/ PDEE de estágio “sandwich” de doutorado na Universidad Autónoma de Madrid.

<sup>2</sup> Professora de Geografia da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo - Brasil. Coordenadora e Pesquisadora do grupo de Pesquisa Território, Cultura e Representação, do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações - NEER e do PROCAD/Amazônia com parceria da UFPR/UMA-RO.

**ABSTRACT:** This article seeks to expose some reflections about the Political Pedagogical Project (PPP) applied in the Sector Litoral of the University Federal of Parana – UFPR and its inter disciplinary interfaces in the pedagogical practices. The curriculum organizational structure of this pedagogical proposal is divided in three phases: “know and understand”, “understand and propose” and “propose and act”. The scope of this work aims to present some reflections from the contribution of the Humanistic Geography, in its phenomenological root, to the differentiated pedagogical practices applied to the first curricular phase. This research reveals that the interdisciplinary interfaces enable the development of a student’s critical perception in a wider scale, under various points of view from different perspectives.

**Key words:** Pedagogical practices, Perception, Humanistic Geography.

**RESUMO:** Este texto procura expor algumas reflexões sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) aplicado no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná - UFPR e suas interfaces interdisciplinares nas práticas pedagógicas. A estrutura organizacional curricular desta proposta pedagógica se divide em três fases: “conhecer e compreender”, “compreender e propor”, e, “propor e agir”. O escopo deste trabalho visa apresentar algumas reflexões a partir da contribuição da Geografia Humanística, em sua vertente fenomenológica, às práticas pedagógicas diferenciadas aplicadas na primeira fase curricular. Esta pesquisa nos revela que as interfaces interdisciplinares possibilitam o desenvolvimento de uma percepção crítica no aluno de forma mais ampla, sob diversos olhares a partir de diferentes pontos de vista.

**Palavras chaves:** Práticas pedagógicas, Percepção, Geografia Humanística.

## Introdução

Este trabalho busca apresentar a contribuição da Geografia Humanística, em sua vertente fenomenológica, ao Projeto Político Pedagógico - PPP da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral (UFPR Litoral), cujo modelo de ensino se distingue em sua estrutura organizacional curricular diferenciada em relação ao modelo tradicional de ensino. A organização curricular dos cursos de graduação se estrutura-se em três fases: a primeira fase representa a introdução ao mundo universitário, na qual o estudante constrói uma visão crítica sobre a realidade, é a fase de se “**conhecer e compreender**”, com duração de um ano; na segunda fase o estudante adquire o aprofundamento metodológico e científico, consolidando as contribuições científicas à sua profissão estabelecendo a fase de se “**compreender e propor**”, com duração de dois anos; e, na terceira e última fase o estudante passa por um processo de contextualização profissional, possibilitando a transição para o exercício profissional, consolidando-se a fase de “**propor e agir**”, com duração de um ano. Cada fase é constituída de Fundamentos Teórico-Prático - FTP (três dias da semana), são os conteúdos formativos específicos do curso; Interações Culturais e Humanísticas - ICH (um dia da semana), são oficinas de diversas temáticas, organizadas pelos professores, alunos, técnico-administrativos ou pela própria comunidade local; e, projetos de aprendizagem - PA (um dia da semana), são projetos com temáticas locais nos quais o aluno desenvolve desde o primeiro semestre com a ajuda de um mediador, ou seja, um professor orientador. Os cursos organizam a estrutura curricular com base nos FTP, ICH e PA, respeitando as diretrizes das fases. Nesta proposta pedagógica a formação do estudante contempla o ensino-pesquisa-extensão, de forma indissociável, desde o início do curso, contribuindo para uma aprendizagem associada à realidade local, situando o aluno às questões socioambientais, econômicas, culturais, políticas, de saúde vivida pela população da região. Diante desse projeto pedagógico inovador, diferenciado, buscou-se atuar na primeira fase “conhecer e compreender” de forma mais experiencial a aproximação com a realidade local, analisando a paisagem e ressignificando os espaços naturais e construídos sob o viés da Geografia Humanística. Este PPP permite ao professor a possibilidade de inovar práticas pedagógicas a partir de abordagens interdisciplinares, cujo processo de ensino-aprendizagem tem demonstrado estudantes

com olhares crítico e investigativo sobre uma problemática. A indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão do PPP da UFPR somado a esta prática interdisciplinar é uma ação também no âmbito dos professores, os debates interdisciplinares entre os docentes se estendem nas salas de aula, cujas práticas conjuntas têm resultado em trabalhos e projetos acadêmicos com perspectivas reais de aplicação.

### **Geografia Humanística e Fenomenologia**

Os estudos teóricos da Geografia Humanística, em sua vertente fenomenológica, aliados às outras abordagens interdisciplinares, permitem proporcionar o aprofundamento na investigação e interpretação do mundo vivido de cada indivíduo, compreendendo e valorizando os significados e valores construídos a partir do mundo da experiência. Edmund Husserl (1859-1938) foi o fundador da Fenomenologia moderna, cuja corrente de pensamento propunha a investigação da experiência humana por meio de uma ciência da experiência e da reflexão, observando-se as coisas tal como elas se manifestam em sua pureza original. É a investigação daquilo que é genuinamente possível de ser descoberto e que está potencialmente presente, mas que nem sempre é visto. Husserl propõe um encontro com “as coisas mesmas”, propondo a suspensão de qualquer julgamento, abandonando os conceitos pré-concebidos, ao que denomina de “suspensão fenomenológica” ou *époché* (ENTRIKIN, 1980).

Uma das grandes contribuições teóricas de Husserl foi o conceito de “mundo vivido” que representa o conjunto de coisas, valores, bens e mitos inerentes a um mundo subjetivo que poderia variar de pessoa para pessoa. Este mundo vivido é construído a partir da troca de significações, no qual cada indivíduo com seus valores sociais e culturais é portador de sentido e gerador de significados, os quais configuram a construção do mundo vivido social, subjetivo, derivado do contato com outras pessoas e o mundo vivido cultural, construído de ruas, edifícios, praças, paisagens em geral, nos quais são atribuídos significados (KOZEL TEIXEIRA, 2005).

O uso do termo fenomenológico na perspectiva humanística teve origem em dois artigos dos geógrafos Yi-Fu Tuan e Edward Relph publicados na *The Canadian Geographer* (1971), posteriormente a fenomenologia se tornou objeto de discussão e aplicação em vários estudos de geógrafos humanistas da época. As obras de Relph e

Tuan destacavam a importância dos lugares, do mundo vivido, dos significados e das representações, buscando uma concepção de mundo, diversa da cartesiana positivista, e, relacionando de maneira integral o homem e seu ambiente (KOZEL TEIXEIRA, 2001).

As relações do homem com o meio através de uma perspectiva vivencial e existencial convertem o espaço geográfico em um espaço vivido, no qual uma investigação fenomenológica se fundamenta na observação participativa ou no trabalho de campo experimental. Este método de investigação que se denomina fenomenológico permite a descrição do mundo cotidiano da experiência imediata ao homem, da paisagem em que vive, sente e experimenta. Com este método se pode chegar a agrupar experiências ambientais em grupo, ou seja, em grupos de indivíduos que pelos motivos que sejam, vêm, vivem, sentem a paisagem e se relacionam com ela de forma parecida (HERRERO, 1995).

Assim sendo, a Fenomenologia é fundamentalmente um método, o qual sublinha dois pontos que dariam uma nova dimensão aos estudos geográficos na perspectiva fenomenológica. O primeiro de caráter de utilidade de todo o fato cultural, sempre inscrito dentro de uma perspectiva prática, ativa ou potencial. O segundo é o incontornável caráter antropocêntrico de todo o conhecimento, do qual se deriva uma explicação que só é satisfatória à medida que é fundada sobre a compreensão das intenções e das atitudes humanas. A fonte legítima do conhecimento é a explicação centrada sobre as experiências vividas cotidianamente e contextualizadas a partir dos instrumentos culturais que lhes são relativos. A descrição e a interpretação fenomenológica oferecem métodos bem desenvolvidos para se realizar essa tarefa e que, de modo algum duas considerações do método fenomenológico serão semelhantes (RELPH, 1979).

A análise de uma paisagem sob a perspectiva fenomenológica, no contexto da Geografia Humanística, significa colocar-se numa postura de investigador, com o intuito de desvendar as relações espaciais simbólicas impressas pelos valores e sentimentos, assim como as representações que figuram, neste espaço. Assim, a Geografia, diante deste novo contexto, “...é criticada pela diversidade de postura e ambigüidades existentes no discurso dos geógrafos humanistas, que em suas obras estabelecem ligações com os domínios mais diversos, não constituindo uma metodologia única”. Nessa perspectiva, essa corrente de pensamento incorpora a

percepção e os comportamentos humanos ao geográfico, norteada pelos aspectos cognitivos, a qual, por deste embrião significativo para a compreensão dos símbolos, relacionados às ações humanas, redireciona a abordagem em direção aos conceitos de espaço vivido, lugar e território (KOZEL TEIXEIRA, 2001, p. 138).

A Fenomenologia que pode ser considerada como a Teoria da Essência já que se abstendo de toda a especulação se limita a descrever as realidades diretas. Esta corrente filosófica apreende puras significações enquanto que são simplesmente dadas e tal como são dadas. Por isto o conhecimento, segundo esta corrente filosófica, não se adquire somente mediante o método científico, mas pelos seres humanos, nos seus atos mesmos de experimentar a vida, chegam a um conhecimento relacionado com essas experiências. Trata-se de um conhecimento intuitivo e não sistematizado. O conhecimento científico se baseia em suposições acerca de observações, e, o conhecimento fenomenológico não pressupõe nada, mas que intenta captar a essência ou idéia de um objeto tal como se apresenta diante da consciência do ser individual (HERRERO, 1995).

Na atualidade, grande parte dos trabalhos desenvolvidos que tomam como referência o papel do indivíduo na construção do seu mundo cotidiano têm utilizado a abordagem da fenomenologia da percepção e ou das representações para a compreensão de como as atividades e os fenômenos geográficos podem revelar a qualidade da percepção humana. A Geografia Humanística torna-se uma das tendências filosóficas mais significativas, pois procura enfatizar as atitudes, os valores, os comportamentos e as representações do indivíduo. O sistema filosófico que se encontra mais presentificado na Geografia Humanística é a fenomenologia que permeia as percepções e as representações do espaço geográfico. A fenomenologia tem sido empregada de forma expressiva na pesquisa geográfica, particularmente, a brasileira, com presença significativa tanto numérica quanto qualitativamente (ARAÚJO, 2007).

### **A experiência e os sentidos humanos**

No ato da experiência, o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar. O espaço é mais abstrato do que o lugar, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que é conhecido e dotado de valor e

significado, um não pode ser definido sem o outro. É impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço. As diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) possibilitam novas formas de interpretar os espaços e lugares como imagens de sentimentos complexos, compreendendo o que as pessoas sentem sobre o espaço, lugar e paisagem (TUAN, 1983). Desta forma, um ser humano percebe o mundo simultaneamente por todos os sentidos, levando a uma apreensão multisensorial do espaço, no qual os sentidos da visão, o olfato, a audição e o tato, com exceção do paladar, possibilitam aos seres humanos o desenvolvimento de sentimentos intensos (TUAN, 1974).

Nesta perspectiva, os espaços e lugares de afetividade se consolidam a partir da percepção que um indivíduo tem sobre uma paisagem, na interação deste indivíduo com o meio ambiente, que se dá através de mecanismos perceptivos e principalmente cognitivos, os quais são estruturados e organizados na interface entre realidade e mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado. A percepção do homem sobre o mundo, explicada pela abordagem fenomenológica, ocorre através do corpo, pela ação dos sentidos que o indivíduo constrói ao se apropriar do espaço. O lugar se reflete em diversas porções de apropriação do espaço vivido do indivíduo, seja a casa, a praça, a rua ou o bairro (KOZEL TEIXEIRA, 2001).

Segundo Merleau-Ponty (1999) a integração do indivíduo com esse mundo cultural ocorre por intermédio do corpo, dos sentidos, movimentos e linguagens. O mundo é visto como um sistema de relações onde estão imbricados valores, sentimentos, atitudes e vivências. Para estabelecermos uma identidade entre o mundo vivido das pessoas e o mundo cultural, o autor considera ser importante analisar as impressões cerebrais do indivíduo, nas quais se originam as causas ocasionais da percepção. Pois, os valores espaciais e até mesmo os cromáticos são desenvolvidos no campo sensorial do sistema nervoso do cérebro.

A construção da percepção se origina na região do cérebro denominada neocórtex, a qual é responsável pela concepção das teorias e sistemas conceituais para construção da nossa percepção da natureza. Neste aspecto, cada pessoa possui uma lente exclusiva, fundamentada e polida por temperamentos e formação, e, que responde à natureza e ao mundo que os cerca conforme o momento, ou seja, ora ficando atônito,

horrorizado, deslumbrado ou simplesmente entretido pela natureza. As lembranças vívidas, como “... encontros cotidianos com aves que não existem nos grandes centros urbanos, árvores que ladeiam as ruas, pragas de jardim, ou plantas e animais domesticados... podem nos amalgamar com a natureza, estabelecendo-se um vínculo vitalício”. Tais encontros sejam eles corriqueiros ou sublimes constituem em nosso envolvimento com o mundo natural. O amor pela natureza pode ser desencadeado pela experiência nela e com lembranças vívidas dela, o que foi comprovado pela neurobiologia ao investigar o cérebro humano, a qual concluiu que a mente e o corpo não são separados. Esse amor pela natureza é constituído de emoções prazerosas que se formam nos centros sensoriais-motores, os quais permitem que a experiência física e sensorial motive numa mudança de valores e comportamentos (SOULÉ, 1997, p.593).

De acordo com Tuan (1974) essa relação que conecta o homem com o lugar ocorre por meio de quatro mecanismos: Topofilia, o amor ao lugar, Topoidolatria, a idolatria ao lugar, Topofobia, a rejeição ao lugar e Toponegligência, a indiferença ao lugar. Introduce-se ao campo geográfico o conceito da empatia, alcunhado pelo filósofo Friedrich Theodor Vischer (1807-1887) que a considerava como uma qualidade quase mística observada na união emocional que se produzia entre a pessoa e um objeto exterior, pois estes poderiam despertar sentimentos quando projetado sobre eles as emoções pessoais (HERRERO, 1995).

Esse despertar de sentimentos é pessoal, individual, e cada pessoa assimila o meio de um modo e tem sua própria percepção do vivido. A percepção do mundo de cada indivíduo não pode entrar em competição com a de quem está fora do contexto, por isso muitas vezes a percepção que os outros têm do mundo pode nos deixar uma impressão de uma palpação cega da realidade (MERLEAU PONTY, 2000).

### **As representações mentais**

Um dos pioneiros na utilização de mapas mentais como metodologia para investigar as relações do meio com o comportamento humano foi Kevin Lynch (1918-1984) em sua obra *The image of the city* (1960). Fundamentado na Psicologia e na Antropologia buscou desvendar como as pessoas percebiam seu entorno para avaliar a qualidade visual das cidades. Em seus estudos concluiu que os indivíduos têm visões



próprias sobre os lugares, territórios e do seu cotidiano. Os símbolos de uma paisagem são identificados a partir das imagens mentais dos indivíduos. Estas imagens foram denominadas, inicialmente, mapas cognitivos, mapas conceituais e, posteriormente, mapas mentais. Somente a partir da década de 1960 houve a preocupação de desvendar o significado dessas imagens (KOZEL TEIXEIRA, 2001).

A técnica de utilização de mapas mentais tem sido criticada por muitas vezes expressar mais a capacidade do sujeito para o desenho do que o próprio mapa cognitivo. Haja visto que a transcrição do espaço sobre um plano, levando-se em consideração que a visão humana sobre este espaço é diferente da visão de um pássaro, por exemplo, é um produto de uma percepção oblíqua, apresentando certas dificuldades. As críticas mais contundentes, seguindo o pensamento de Zeno Pylyshyn (1981), sustentam que as representações cognitivas do espaço não parecem mapas, senão descrições verbais. Significa que as configurações cognitivas obtidas a partir das representações mentais não podem jamais generalizar formas gráficas bidimensionais. Já Stephen Kosslyn (1981) afirma que as representações cognitivas do espaço são imagens bidimensionais, contínuas e analógicas. Neste caso, as configurações seriam similares aos mapas, inclusive mesmo sendo muito inexatas, poderiam ser utilizadas como instrumento de trabalho (HERRERO, 1995).

Corroborando com o pensamento de Kosslyn, alguns estudos nos mostram a contribuição da utilização da técnica de mapas mentais na investigação dos símbolos de uma paisagem. Nogueira (2004) afirma que estudos recentes apontam os mapas mentais como metodologia de investigação nos debates de percepção ambiental, percepção de paisagens e nos trabalhos de antropologia. Neste sentido, a pesquisa de Kozel Teixeira (2001) *“Imagens e linguagens do geógrafo: Curitiba capital ecológica”* utilizou os aportes teóricos e metodológicos de mapas mentais para investigar a partir do olhar de estudantes de graduação em Geografia a percepção deles sobre a paisagem da cidade. Na busca de interpretações concretas a autora desenvolveu uma metodologia própria que possibilitou uma análise criteriosa dos mapas mentais. Este modelo denominado *“metodologia Kozel”* foi, posteriormente, implementada por outros pesquisadores brasileiros, com algumas adaptações, e as pesquisas comprovaram a cientificidade desta metodologia. Na investigação de Kashiwagi (2004) *“O processo de percepção e apropriação do espaço nas comunidades marginais urbanas: o caso da favela do*

*Parolin em Curitiba – Paraná*” também foi utilizado a técnica de mapas mentais como metodologia de análise e investigação da percepção dos moradores de uma favela e sua relação com o meio vivido. Os resultados interpretados a partir da metodologia Kozel revelaram os elementos sígnicos topofílicos e topofóbicos da paisagem essenciais em quaisquer processos de intervenção urbana, apontando para novos caminhos e possibilidades no planejamento urbano.

Nos estudos de Holvoet discutiu-se a geografia que os indivíduos têm dentro de seu espírito, sendo denominado pelo autor de “*Géographie Mentale*”, a qual era constituída de alguns termos empregados na Geografia da Percepção, tais como percepção do espaço, imagem do espaço e cartas mentais, cujos termos não se limitavam apenas a análise geográfica. Estes estudos nos mostram que a investigação em áreas cada vez menores torna as interpretações cada vez mais complexas, por estarem ligadas ao comportamento do indivíduo, e por ultrapassarem os instrumentos de análise cognitivos comportamentais (KOZEL TEIXEIRA, 2001).

Os mapas mentais podem representar as qualidades de uma paisagem, ou seja, a construção da imagem mental de uma área particular pode refletir muito mais que uma simples representação dos marcos referenciais e rotas. Um mapa mental possibilita revelar também os espaços da cidade desagradáveis para se viver. Existe no indivíduo um mapa topográfico invisível dos espaços críticos da vizinhança, onde os picos são espaços evitados, e as áreas mais baixas e vales são os espaços freqüentados por serem mais seguros. Os picos geralmente coincidem com zonas de gangues, em áreas de construções abandonadas, desertas, considerados lugares de venda de droga e prostituição. Neste aspecto, o conceito de vizinhança é importante para a imagem mental, pois experiências em diversas cidades no mundo nos evidenciam que o rompimento da coesão da vizinhança pode desencadear efeitos sociais e psicológicos, que se refletem nos mapas mentais dos indivíduos e na representação da paisagem (GOULD; WHITE, 1974).

Em resumo, essa contextualização procura apresentar brevemente os aportes teóricos da Geografia Humanística, a corrente fenomenológica, a experiência e os sentidos humanos desvendando lugares e as representações mentais, cujos significados são interpretados a partir da associação da realidade vivida com a realidade imaginária. Não é objetivo deste artigo apresentar, ou até mesmo questionar, o PPP da UFPR –

Setor Litoral, mas apontar as grandes possibilidades que este Projeto permite em termos de inovações pedagógicas, como na experiência a seguir apresentada.

### **A experiência vivencial na UFPR Litoral**

Nesta experiência vivencial com os estudantes da UFPR Litoral procurou-se sensibilizar o estudante ao mostrar a contribuição da experiência no aprendizado e no processo de reflexão sobre o mundo por ele vivido. Durante quatro meses, protagonizaram esta pesquisa, estudantes dos cursos de graduação e técnico, nos quais foram aplicadas práticas pedagógicas diferenciadas para contemplar a primeira fase da estrutura curricular. Essa primeira fase de desenvolvimento da percepção crítica sobre a realidade nos alunos tornou-se desafiadora, pois o objetivo era fazer o aluno conhecer e compreender as potencialidades da paisagem natural e construída da região. Assim, numa tentativa experimental adotamos aulas externas aos muros da Universidade, buscando propiciar melhores resultados no aprendizado do estudante ao promover e estimular a percepção deste sobre a realidade. Mesmo assim constatou-se nos relatórios das primeiras visitas de campo, demasiada objetividade e apenas descrições físicas da paisagem. Apesar da maioria dos estudantes serem nativos da região, não havia uma interação do indivíduo com o meio, a vivência e experiência não lhes produziam significado. Uma das prováveis causas deste comportamento é a mídia que enfatiza as problemáticas de inundações, poluição da água, invasões, lixões a céu aberto. E, a beleza cênica aos poucos vai sendo esquecida pela população, mas sendo lembrada pela especulação imobiliária, cujo discurso é de enaltecimento da paisagem. Estes primeiros resultados nos motivou a buscar na Geografia Humanística o embasamento teórico e metodológico a partir da fenomenologia e o recurso dos mapas mentais para investigar e reconhecer a realidade local.

Esta experiência foi denominada “percepção do espaço urbano”, cujo espaço urbano, neste contexto, refere-se à cidade enquanto sistema constituído de elementos naturais e construído. O objetivo principal foi sensibilizar os alunos quanto às diferentes formas de se olhar o meio ambiente, e, demonstrar a importância de se considerar os sentidos humanos na caracterização e percepção das paisagens. Esta prática foi realizada nos meses de agosto a novembro de 2006, com alunos cursando a primeira fase da

estrutura curricular. Esta fase representa 25% da duração do curso, ou seja, para os cursos de graduação de quatro anos, a primeira fase dura um ano e aos cursos técnicos de dois anos, esta fase dura seis meses. Contemplou os alunos matriculados nos cursos de graduação em Gestão Ambiental (diurno) e Serviço Social (noturno); e nos cursos técnicos em Enfermagem (noturno) e Gestão Imobiliária (noturno), totalizando 120 alunos.

A atividade contemplou dois momentos: a) no primeiro momento os alunos realizaram em sala um mapa mental, no qual se solicitou que eles representassem por meio de desenho como eles percebiam a realidade local e apresentassem o significado do que foi desenhado; b) no segundo momento a atividade foi realizada fora da Universidade, em dois ambientes diferentes: urbano e natural. Para os alunos da noite aplicamos o ambiente urbano, no qual os alunos caminharam pelas ruas da cidade e praias de Matinhos. Para os alunos do período diurno, fizemos a experiência num ambiente natural, no qual os alunos caminharam pela trilha de 1.500 m do Parque Estadual do Rio da Onça, também em Matinhos.

Os trajetos percorridos, aparentemente simples aos olhos, adquiriram complexidade e um maior envolvimento por parte dos estudantes ao ser solicitado que os olhos fossem vendados. Nas ruas da cidade, acrescentamos à experiência “vendada” cadeiras de rodas e muletas para que sentissem as condições das vias urbanas. No Parque, os alunos percorreram duas vezes a trilha, na primeira vez com os olhos vendados e na segunda vez para visualizarem os elementos sentidos e imaginados. Após a experiência nos dois ambientes, promovemos o debate para que os estudantes relatassem a sua vivência e a relacionassem aos seus cursos, apontando de que forma a experiência poderia vir a contribuir na formação profissional. Posteriormente, interpretaram individualmente o mapa mental realizado, destacando se gostariam de mudar ou não o desenho representado.

A materialização dos resultados desta investigação partiu da associação da realidade vivenciada com a realidade imaginária, levantando-se as problemáticas e potencialidades do espaço urbano, e, agrupando coletivamente os aspectos positivos e negativos da realidade local. Resultados que apontam o verdadeiro mundo vivido do indivíduo, com outras perspectivas de se olhar as problemáticas e potencialidades

urbanas, que indicam à relevância de se considerar as interfaces interdisciplinares na construção de novas práticas pedagógicas.

### Os resultados da experiência

Os resultados mostraram a importância da experiência sensorial, além do sentido da visão, na qual os estudantes destacaram que a cidade e o meio natural adquiriram valores, antes imperceptíveis aos olhos (Tabela 01 e 02). Percebemos que a visão inconsciente retratada nos mapas mentais foi alterada a partir dos estímulos dos demais sentidos, retratada nos debates posteriores a experiência vivencial.

Na Tabela 01 percebemos dois aspectos negativos que se destacam em todos os cursos participantes, a destinação incorreta do lixo, que totaliza 26.9% sobre a amostragem total. O lixo, principalmente nas ocupações irregulares e invasões, é lançado em sua maioria nos rios que contaminam a água e poluem o mar. E, a questão da urbanização sobre o mar, sendo uma das principais causas de inundações devido à impermeabilização excessiva do solo. Essas problemáticas destacam-se nos cursos de Gestão Ambiental e Técnico em Gestão Imobiliária. Os discursos de ambos os cursos se coincidem quando o objetivo é o desenvolvimento da região de forma sustentável e a conscientização do ser humano sobre as ações de proteção e preservação do meio ambiente.

*Tabela 01 – Aspectos negativos da paisagem representados nos mapas mentais*

Aspectos Negativos	GA	SS	TE	TGI	Todos cursos
Ausência de Saneamento Básico (esgoto a céu aberto, valetas e canais poluídos)	4.4%	15.1%	23.1%	-	13.2%
Destinação incorreta do lixo (lançamento no rio, no mar, na praia)	35.6%	13.2%	26.9%	42.1%	26.9%
Existência de favelas, ocupações irregulares.	13.3%	7.5%	-	-	6%
Tráfego de Drogas nas ruas	4.4%	5.7%	-	-	3%
Presença de Animais na praia	2.2%	1.9%	3.8%	-	2.4%
Avanço da Urbanização sobre o morro	11.1%	7.5%	11.5%	-	9%
Avanço da Urbanização sobre o mar	24.4%	24.5%	21.2%	26.3%	24%

Presença de carrinheiros nas ruas	2.2%	9.4%	-	-	3.6%
Crianças brincando nos rios poluídos	-	-	3.8%	-	1.2%
Falta de infra-estrutura nas ruas	-	-	7.7%	15.8%	4.2%

FONTE: KASHIWAGI, 2007

Contudo, percebemos na Tabela 02 que ao mesmo tempo em que os estudantes destacam e enfatizam a degradação ambiental, existe a presença da paisagem natural, apresentada como pano de fundo do mapa mental. Durante o processo de apresentação dos mapas mentais, antes das experiências vivenciais, a representação da realidade local era observada somente pelos seus aspectos negativos, apesar de que no imaginário dos estudantes a beleza da paisagem natural se fazia presente, haja visto que o percentual obtido de 49.8% em relação a amostragem total.

Durante as vivências dos estudantes, os sentidos se aguçaram de tal forma que estes perceberam que existia um outro mundo a ser desvendado. A experiência no Parque demonstrou que os estudantes passaram a observar a natureza com outros olhos e principalmente a respeitar os bens naturais que estão ao nosso redor e valorizar o poder da mata. Poder de tranquilizar e transmitir a paz, e, mostrar o quanto somos indefesos diante dela e o quanto ela é indefesa diante de nós, o quanto ela nos protege e o quanto nós não a protegemos. Reflexões como estas foram surgindo durante os 1500 metros caminhados, nos quais emoções foram aflorando e que permitiram os estudantes conhecerem a natureza mesmo sem vê-la.

Aos alunos do noturno que vivenciaram o urbano e percorreram os arredores da Universidade o relato da experiência foi surpreendente. Pois, houve um processo de euforia, principalmente, entre as mulheres, causado pela cegueira temporária. Entre os homens, a sensação de liberdade lhes tomou o corpo, um estudante com mais de 60 anos (faixa etária comum entre os alunos do noturno), relatou que “amou” ser cego, pois todos lhe davam atenção. Durante o percurso realizado, a passagem pela praia, paisagem comum e rotineira aos que aqui moram, permitiu uma nova aproximação com a natureza e o momento de releitura sobre a paisagem. O debate foi realizado na praia, sentados na areia com os olhos ainda vendados. Foi um momento de reflexão, de estimular os sentidos, de se permitir interagir com a natureza. Na discussão em sala, os alunos se manifestaram sobre a experiência e a necessidade de rever a significação de

seus mapas mentais, ressignificando-os quanto a valorização da paisagem natural e construída que adquiram novas representações. A experiência vivencial permitiu que o imaginário se transformasse no discurso real.

*Tabela 02 – Aspectos positivos da paisagem representados nos mapas mentais*

<b>Aspectos Positivos</b>	<b>GA</b>	<b>SS</b>	<b>TE</b>	<b>TGI</b>	<b>Todos cursos</b>
Paisagem Natural (montanhas, sol, nuvens, mar, palmeiras, mata, ondas do mar)	63%	53.2%	42.4%	45.8%	49.8%
Paisagem Construída (prédios, calçadões, ciclovia, avenida beira mar)	7.4%	6.4%	9.8%	12.5%	9.1%
Atividades de lazer e esportes (vôlei, futebol, natação, surf, pescaria, banho de sol, barcos)	9.3%	19.1%	10.9%	10.4%	12%
Equipamentos Urbanos (lixeiras, bancos de calçada, iluminação pública )	14.8%	8.5%	14.1%	20.8%	14.5%
Serviços Urbanos (hospital, correio, prefeitura, transporte coletivo, escolas, postos combustíveis, supermercados)	-	10.6%	15.2%	-	7.9%
Marcos Naturais (Picos e Morros)	3.7%	-	-	2.1%	1.2%
Marcos Construídos (Igreja, Farol, Mercado de Peixe, UFPR Litoral)	1.9%	2.1%	7.6%	8.3%	5.4%

FONTE: KASHIWAGI, 2007

Neste contexto, essa abordagem de ensino, fundamentada na fenomenologia, se fortalece a partir das experiências realizadas. O reconhecimento local e o desenvolvimento de uma análise crítica da realidade são melhor apreendidos quando vivenciados, fazendo-se rever as práticas expositivas e teóricas. Corroborando com esta apreensão, o processo de ressignificação também sofre interferências das origens e proveniências de cada indivíduo. Pois, as representações sociais sobre o meio ambiente embasam o saber local que se complementa com o saber científico. E, nessa complementaridade percebemos a importância do ensino sob diversas abordagens para a construção do conhecimento.

## **Considerações Finais**

A diversidade de informações coletadas entre os estudantes com origens de diferentes grupos sociais, tais como, comunidade de pescadores, comunidades rurais e comunidades temporariamente fixa (estudantes que retornarão às suas cidades de origem após o término do curso) revelaram diferentes valores sociais e culturais, os quais influenciaram a caracterizaram das representações e imagens do mundo vivido de cada indivíduo. Esta pesquisa de caráter experimental, investigatória, e, em construção, assim como a proposta pedagógica desta UFPR Litoral, nos mostrou válida a complementaridade de novas abordagens de ensino ao aprendizado do aluno e a efetiva contribuição dos aportes teóricos e metodológicos da Geografia Humanística, especialmente, nesta primeira fase curricular do PPP. Esta experiência vivencial com os estudantes desta Universidade nos mostrou que é preciso ressignificar os verdadeiros valores da paisagem natural e construída, percebendo-os para desenvolver a cultura de conservação. Mostrou, também, ainda que a perda de um dos sentidos amplia as belezas da natureza e valoriza os espaços construídos. Os sons, o cheiro da natureza, o micro clima, e as texturas das plantas estimulam o respeito pela natureza e a valorização da preservação ambiental. Desenvolver a percepção do meio ambiente nos indivíduos pode ser a garantia do desenvolvimento urbano sustentável. E, uma das formas para se alcançá-lo seria utilizando a própria natureza como laboratório sensorial natural para desenvolver, estimular e resgatar a relação do ser humano com a natureza. Relação esta que ao longo do tempo foi se desfazendo, tornando-se um desafio a implementação das políticas públicas de educação ambiental, de conservação ambiental, e da formulação de ações para a proteção dos recursos naturais e construídos. Para tais requer antes de qualquer coisa que o indivíduo conheça seu papel no meio ambiente e sua relação com a natureza. Aprender e empreender seu saber local e interfaceá-lo com o saber científico para que haja o reencantamento da ciência que implicará uma redefinição dos laços sociais, no retorno do sujeito, na valorização da ética, no redimensionamento do imaginário e principalmente na abertura da razão. As imagens e as representações do meio ambiente dependem da forma como as construímos e da forma como as observamos e as compreendemos.



## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, M. L. G. **Ciência, Fenomenologia e Hermenêutica**: Diálogos da Geografia para os saberes emancipatórios. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ENTRIKIN, J. N. “Contemporary Humanism in Geography”. Transcrito dos Annals of the American Geographers. v. 66, n. 4, p. 615-632, 1976. Tradução Lucila Elisa Lorenz Goes. In: **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro. 1980. v. 10, n. 19, p. 5-30.

GOULD, P.; WHITE, R. **Mental maps**. New York: Penguin Books, 1974. 203p.

KASHIWAGI, H. M. **O processo de percepção e apropriação do espaço nas comunidades marginais urbanas**: o caso da Favela Parolin em Curitiba - Paraná. 192 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

KASHIWAGI, H. M. A resignificação das representações da paisagem natural e construída no município de Matinhos – Pr: uma experiência vivencial com os estudantes da Universidade Federal do Paraná - Campus Litoral. In: ENCONTRO DE PERCEPÇÃO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: A INTERDISCIPLINARIDADE NO ESTUDO DA PAISAGEM, 2, 2007, Rio Claro. **Anais**. Rio Claro: OLAM – Ciência & Tecnologia, 2007.

KOZEL TEIXEIRA, S. **Imagens e linguagens do geográfico**: Curitiba capital ecológica. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

KOZEL TEIXEIRA, S. Ressignificando as representações do espaço: as linguagens do cotidiano. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 1-5.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução de J. L. Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **A estrutura do comportamento**. Tradução de J. A. Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de C. R. de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2000.

NOGUEIRA, A. R. B. **Mapa mental**: recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da geografia. In: **Geografia**. Rio Claro, UNESP, n. 7, v. 4, p. 1-25, abril 1979.

SOULÉ, M. Mente na biosfera, mente da biosfera. In: PENNA, C.G. e PACHECO, J. F. (Orgs) **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de L. de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

UFPR Litoral. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em:

<<http://www.litoral.ufpr.br/htmls/projetopedagogico2008.htm>> Acesso em: 01julho.

2010